

O ALCANCE ONTOLÓGICO-EXISTENCIAL DO SENTIMENTO EM GABRIEL MARCEL: ENTRE FENOMENOLOGIA E HÍPER-FENOMENOLOGIA. I. SENSÇÃO E EXISTÊNCIA

José Manuel Beato*

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

jose.beato71@gmail.com

A prioridade e irreducibilidade concedida à corporeidade e ao “sentir” numa “metafísica sensualista”, a busca reflexiva da ipseidade em torno de um sentimento de si como corpo senciente, a importância dada à sensação-sentimento como receptividade activa e criadora (nomeadamente a nível da experiência estética), a concepção do “*coesse*” como “união sentida” do “eu” ao “tu” no pensar da intersubjectividade são dados que nos permitem extrair do pensamento de Gabriel Marcel uma ampla filosofia do sentimento. O sentimento não será entendido subjectivisticamente como afecção passiva ou emoção e, para além de qualquer reducionismo psicologista, poderá assim revelar o alcance de uma intencionalidade ontológico-existencial. Na elaboração desta problemática, sublinha-se a particularidade de um método que transita do fenomenológico ao “híper-fenomenológico” face à “intuição obturada” do “mistério”.

Sentir; sensação; sentimento; ipseidade; existência.

The priority and irreducibility granted to corporeality and “sensation” in a “sensualist metaphysics”, the reflexive search for ipseity around a feeling of self as a sentient body, the importance attached to feeling as an active and creative receptivity (particularly in the aesthetic experience), the notion of “*coesse*” as “felt union” between the I and Thou (reflecting intersubjectivity) are key elements that allow us to extract from Marcel’s thought a philosophy of feeling. It cannot be mistaken for the passive emotion or as a subjective affection. In that sense, the “feeling” is endowed with a meta-psychological

* Universidade de Coimbra: membro colaborador das Unidades de Investigação & Desenvolvimento “Instituto de Estudos Filosóficos” e do “Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos” da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal). É actualmente bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

and metaphysical range, with an existential and ontological intentionality. In the elaboration of this problematic, we must emphasize the peculiarity of a method that makes a transition from a phenomenological to a “hyper-phenomenological” level.

To feel; sensation; feeling; ipseity; existence.

Introdução

O pensamento de Gabriel Marcel, lavrado ao ritmo da itinerância heurística dos diários metafísicos e de um ensaísmo prospectivo, foi determinante na configuração do panorama da filosofia contemporânea, exercendo indelével influência em P. Ricœur, M. Merleau-Ponty, M. Dufrenne ou E. Levinas. A pregnância desse influxo fez-se sentir bem para além da voga do “existencialismo”. Iniciador da filosofia da existência, pioneiro da atitude fenomenológica e precursor da reflexão dialógica em França, o seu movimento ideativo, avesso à sistematização e refractário ao conforto da fixação categorial, incidiu em temas cuja articulação relevava tanto da subtileza como da ousadia. São eles o mistério do sentir – na convergência da sensação e do sentimento, a problemática do corpo-sujeito – na superação do dualismo das substâncias, a temática da díade eu-tu – no âmbito da comunicação e da comunhão amorosa, mas também a questão da inteligibilidade da fé e, claro está, a noção de “existência” como primeiro plano de uma “ontologia concreta”. Estes temas conduziram Marcel à busca de um método reflexivo e fenomenológico que permitisse escapar à alternativa do racionalismo objectivista e do idealismo neo-kantiano, recusando ainda o intuicionismo bergsoniano.

A prioridade e irredutibilidade concedida à corporeidade e ao “sentir” na sua auto-denominada “metafísica sensualista”, a indagação da ipseidade em torno de um sentimento de si como corpo senciente, a importância dada à sensação-sentimento como receptividade activa e criadora (nomeadamente a nível da experiência estética), a concepção do “*coesse*” como “união sentida” do “eu” ao “tu” no pensar da intersubjectividade são dados que nos permitem extrair do pensamento de Marcel uma filosofia do sentimento. O sentimento não será entendido como mera afecção ou emoção e, para além de qualquer reducionismo psicológico, poderá assim revelar o alcance de uma intencionalidade ontológico-existencial. Na elaboração desta problemática sublinha-se a particularidade de um método que transita do fenomenológico ao “híper-fenomenológico”.

Um sentimento de alcance ontológico revelará a convergência das faculdades e a superação das cisões entre as esferas do cognitivo, do volitivo e do afectivo. O sentimento – além da oposição do pático e do prático – tornar-se-á ainda “virtude”. O amor e a esperança configuram protótipos desta modalidade de sentimento. A partir do amor e da esperança – de inserção existencial e intencionalidade ontológica – abre-se todo um campo de reflexão que projecta o “cuidado” do viver encarnado no tempo da expectativa.

O “mistério do sentir”, situado na convergência da sensação e do sentimento, é o ponto de ancoragem de toda a problemática da subjectividade encarnada e da existencialidade situada. É um questionamento com uma dupla dimensão e alcance: a) cosmológico-existencial – onde se reflete a pertença originária ao mundo sensível); b) ontológico-personalista – onde emerge o sentimento como experiência privilegiada do “ser-pessoa”. Não é de todo possível dar aqui conta deste vasto programa que atravessa toda a obra marceliana. Deste modo, no texto que ora apresentamos, apenas abordaremos a dimensão “cosmológico-existencial”, que colocaremos sob a designação geral de “I. Sensação e existência”.

1. Entre sentimento e fenomenologia: duas questões propedêuticas mantidas em suspenso

Numa reapreciação da nossa proposta de intervenção para este encontro, verificamos que ela era manifestamente excessiva na sua configuração inicial. Na verdade, ela envolveria percorrer, ainda que transversalmente, toda a obra de Gabriel Marcel – tarefa difícil por se tratar de um autor relativamente desconhecido actualmente – mas também, porque, no fundo, envolveria ainda o sobrevoos de duas questões prévias.

A primeira questão preliminar consistiria em ver como a filosofia do Século XX, de índole reflexiva, existencial e fenomenológica, concedeu um lugar de elevado relevo ao sensível, à afectividade, ao sentimento, e isto para além dos escolhos clássicos de sua redução intelectualista, empirista e psicologista. Max Scheler, Maurice Merleau-Ponty, Mikel Dufrenne, Michel Henry, Henry Maldiney, Paul Ricœur, Marc Richir e mais recentemente Renaud Barbaras, mas ainda pensadores tão diversos como Louis Lavelle, Gabriel Madinier ou Jean Wahl, inscreveram-se nesta dinâmica. Neles encontramos uma aproximação reflexiva à problemática do “sentido íntimo”, uma redescoberta da

originariedade do “sensível”, uma vasta fenomenologia da consciência e experiência afectivas em diálogo com a ética e a estética, uma clarificação programática do conceito de “sentimento”, bem como uma hermenêutica das noções de afecção, paixão, emoção e sensação.

Este movimento – amplo e heterogéneo nas suas expressões concretas – desenvolve uma reflexão que se distingue, por um lado, da problemática tradicional das “paixões” – amálgama nocional onde a especificidade do sentimento é subsumida, tanto quanto da psicologia e da neurobiologia das emoções. O sentimento distingue-se aqui do substrato biológico das reacções afectivas, das afecções primárias, mas também dos estados emotivos de estrita incidência psicológica ou privativa. O sentimento é, assim, afirmado no seu alcance “ultra-emocional” e metafísico. Ele associa-se, por um lado, à experiência mais originária da abertura ao mundo, numa radical afectividade e, por outro, às mais altas esferas da consciência e aos níveis superiores da vivência humana, com carácter intencional, simbólico e intersubjectivo. Ele é estado íntimo do sujeito concreto incarnado, mas também acto intencional abrindo-se ao belo, ao justo, ao verdadeiro, vencendo os limites do subjectivismo e do objectivismo. Deste modo, torna-se sentimento moral, estético, religioso, espiritual ou ontológico. Gabriel Marcel inscreve-se indiscutivelmente nesta leitura reconfiguradora da experiência e consciência afectivas.

Uma segunda questão prévia deveria ainda colocar-se: qual a posição exacta de Gabriel Marcel no que respeita à Fenomenologia? Marcel nunca reclamou para si o atributo de fenomenólogo nem se pronunciou formalmente sobre o Movimento Fenomenológico. Todavia, foi um dos primeiros filósofos franceses a tomar contacto com o pensamento de Husserl, e o seu método assume uma etapa claramente fenomenológica^[1].

Por outro lado, importa sublinhar que não se poderia conceber a recepção francesa da Fenomenologia sem se ter em conta a influência decisiva e matricial de Gabriel Marcel no trabalho de Maurice Merleau-Ponty e Paul Ricœur. Bastaria dizer que, bem no início do percurso de Ricœur, por exemplo, a configuração do projecto de uma “Filosofia da vontade” emerge do intuito de conciliar os temas da filosofia existencial com a fenomenologia. É paralelamente que traduz as *Ideen I* e desenvolve o seu estudo comparado de Marcel e Jaspers.

1 Sobre esta problemática veja-se: Farges, J. (2013). Le “métaproblématique” et l’ “hyperphénoménologique”: Remarques sur les limites de la phénoménologie dans la pensée de Gabriel Marcel. *Présence de Gabriel Marcel*, n° 21, pp. 23-52 ; bem como Ricœur, P. (1976). Gabriel Marcel et la Phénoménologie. In *Entretiens autour de Gabriel Marcel* (pp. 53-75). Neuchâtel: La Baconnière.

Tudo se passa entre 1948 e 1950, ano este em que, precisamente, é publicado «*Le volontaire et l'involontaire*». Deve sublinhar-se, portanto, que é a própria temática e atitude existenciais que determinam o modo de recepção do método fenomenológico adoptado por Ricœur sob a forma da descrição eidética e da análise intencional, caucionando, porém, a “redução fenomenológica” e recusando a deriva transcendentalista de Husserl. Importa, pois, extrair “as significações essenciais do *vivido*” sem contudo evacuar a presença ao mundo na sua densidade, fecundidade e estranheza^[2].

Podemos dizer que Gabriel Marcel é claramente pioneiro da atitude fenomenológica em França. Basta assinalar que colocara já, bem cedo, várias pesquisas suas sob a chancela da fenomenologia: «*Esquisse d'une phénoménologie de l'avoir*» (1933), «*Aperçus phénoménologiques sur l'être en situation*» (1937), «*Phénoménologie et dialectique de la tolérance*» (1939), «*Esquisse d'une phénoménologie et d'une métaphysique de l'espérance*» (1944)^[3]. Ora, o texto de Sartre, «*Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: L'intentionnalité*» é de 1939, «*L'Être et le Néant*», de 1943, «*Phénoménologie de la perception*» de 1944, «*Philosophie de La volonté I*» de 1950. As datas são instrutivas.

Por “fenomenologia”, Marcel designava uma descrição do *vivido*, situada na convergência do ser e do aparecer, sem cedência ao psicologismo e buscando apreender o sentido directamente no facto singular para além de qualquer generalização indutiva, captando o que então designava por um “universal concreto”, e isto superando tanto o subjectivismo quanto o objectivismo. Como bem viu Ricœur, em «*Gabriel Marcel et la Phénoménologie*», tudo estava em visar o sentido sem exaurir a presença viva ou a relação de implicação e de pertença, ou seja dobrando a intencionalidade por uma dinâmica de participação. O “corpo”, o díptico “ser-ter”, o “compromisso”, o “testemunho”, a “disponibilidade”, a “pertença”, a “fidelidade criadora”, o “encontro”, o “mistério familiar”, a que podemos ainda acrescentar, a “tolerância” e a “piedade” são alguns dos temas sobre os quais incide a atenção descritiva e compreensiva de Marcel, visando o sentido do *vivido* num gesto claramente fenomenológico^[4].

2 Ricœur, P. (1976). Gabriel Marcel et la Phénoménologie. In *Entretiens autour de Gabriel Marcel*. Neuchâtel: La Baconnière, p. 53.

3 Embora tenha lido as *Ideen* já antes da Grande Guerra e tenha assistido, parcialmente, aos cursos de Husserl na Sorbonne em 1929, não o cita, nem desenvolve qualquer aspecto substancial da sua doutrina.

4 Spielberg, H. (1960). *The phenomenological movement: a historical introduction: Vol 2*. The Hague: Martinus Nijhoff, p. 439.

Porém, há “experiências núcleo” (a encarnação, a fé, a esperança, o amor), que se situam simultaneamente aquém e para além da esfera do “caracterizável”, subvertendo qualquer constituição objectual ou visão eidética pura e que, deste modo, relevam de uma atitude que ele designa de “híper-fenomenológica”. Este prefixo poderá ser tomado no sentido do que está “por cima”, depois de uma maximização da descrição, ou ainda na acepção de “ultra”, enquanto saída dos limites da fenomenologia face à consciência do “mistério” (ou “meta-problemático”) e na senda de uma vocação metafísica. Neste nível, Marcel aludia, num desconcertante oxímoro, a uma “intuição cega” ou “obturada”, ou seja uma intuição que se não possui como evidência mas que permanece eficiente no interior de uma “reflexão de segundo grau” dirigida a um plano “meta-problemático”^[5]. Face ao exposto, julgamos que Marcel, conhecedor do primeiro Husserl, desde 1913^[6], e do seu projecto de refundar a filosofia como ciência de rigor, de perfil apodíctico e transcendental, não retém o seu aparato terminológico e nocional, vendo-o como estranho ao seu próprio desígnio de uma “filosofia concreta” de inserção existencial, movida por uma “inquietação metafísica” e magnetizada pela “exigência de transcendência”^[7]. Neste sentido, Marcel ciente do desígnio husserliano e da metodologia preconizada, não saberia incorrer nas críticas de Dominique Janicaud ao que designa de “*phénoménologie éclatée*”, quando alude ao uso indevido da Fenomenologia em Levinas, Marion, Henry, Jean-Louis Chrétien ou Jean-François Courtine^[8]. Esses autores acabaram por expandir os limites do “método fenomenológico” a dimensões que em muito excedem a “imanência da fenomenalidade” do mestre fundador. No fundo, estes pensadores, realizam o salto temático e metodológico que já Marcel pressentira como sendo uma indevida meta-fenomenologia. Visando além da descrição da existencialidade, a metafísica marceliana é uma “ontologia da invocação”, suscitada pela resposta a um “apelo incondicionado” e por uma abertura ao “mistério” que une uma “mística especulativa” a uma rigorosa reflexividade. Neste sentido, a fenomenologia – entendida num sentido estrito ou minimalista, diria D. Janicaud – não é toda a filosofia, nem é a nova

5 Marcel, G. (1949). *Position et Approches Concrètes du Mystère Ontologique*. Paris: Vrin, pp. 82-85.

6 Marcel assim o afirma, nomeadamente em Solipsism surmounted. In Rouner, Leroy S, ed. Lit (1966). *Philosophy, religion, and the coming world civilization: Essays in honor of William Ernest Hocking*. The Hague: Martinus Nijhoff, p. 27. Marcel terá ainda assistido, parcialmente, aos cursos de Husserl na Sorbonne em 1929.

7 Marcel, G. - *Entretiens autour de Gabriel Marcel*. Neuchâtel: La Baconnière, 1976, p. 75.

8 A respeito desta polémica: Janicaud, Dominique (2009). *La phénoménologie dans tous ses états: Le tournant théologique de la phénoménologie française suivi de La phénoménologie éclatée*. [Paris]: Gallimard.

“filosofia primeira”. Por outro lado, porém, quando Marcel recorre a um élan “hiper-fenomenológico”, referido à já mencionada “intuição obturada”, bem como a uma “presença” irrefricável e “doadora”, julgamos que se aproxima da problemática do “fenómeno saturado” desenvolvida por Jean-Luc Marion, ou seja, do reconhecimento de um tipo de fenómeno onde a intuição sobreabunda face à visada, intenção constitutiva ou conceito previamente constituídos. É a “doação” que assume o primado face à “visada intencional”, o sujeito tornando-se, atenda-se ao termo, a “testemunha” do fenómeno. O acontecimento, o outro, a obra de arte, o amor, a Revelação são planos onde o fenómeno se dá graciosamente, restando ao sujeito, não os constituindo, atestar deles^[9]. Uma vez mais estamos perante um amplo território de reflexão que deixaremos em suspenso.

2. O mistério do sentir

O “sentir” revela um *inesse* fundamental que é “aderência” e “afecção”, certamente, mas também um “acto” de imersão participativa. O sentir é, assim, uma inserção extática e intencional na presença maciça da existência e não um mero padecimento.

A reflexão sobre o “sentir”, quer dizer, sobre o “mistério da sensação” e do sentimento em acto – emergente já nas notas de 1920 do «*Journal Métaphysique*», foi crucial para a constituição da filosofia existencial marceliana. Situando-se no plano da encarnação e da imediação existencial, Marcel recusa a explicação da sensação como mensagem ou sinal da esfera objectiva numa lógica de transmissão instrumental, ou seja, a interpretação mecanicista que vê nela a captação de estímulos físicos e sua conversão em dados psicológicos^[10]. O “sentir” é, de modo bem diferente, visto como um modo primeiro e imediato de participação ao mundo, sendo, simultaneamente, reconduzido a uma essencial interioridade, porquanto o seu fundamento e condição de possibilidade residem na “atenção a si” realizada no plano do sentimento do corpo-próprio, no sentimento de si como corpo senciente.

Uma concepção “mecanista” ou “fiscalista” que faz da sensação mera “emanação objectiva” face a uma consciência receptiva e tradutora nada nos diz do

9 Marion, Jean-Luc (2001). *De surcroît: études sur les phénomènes saturés*. Paris: PUF.

10 Cf. Marcel, G. (1997). *Journal Métaphysique*. Paris: Gallimard, pp. 268-270 (doravante. JM)

acto vivido de sentir.^[11] O “sentir” é “um imediato por essência não mediatizável”, pressuposto e condição de possibilidade de todas as mediações^[12]. Mais do que dada empiricamente ela é sobretudo “doadora” do mundo em toda a sua “presença” infra-objectiva e ante-predicativa.

Esta crítica da concepção mecanicista da sensação – associada à transmissão e descodificação de dados físicos e abalos orgânicos e, pelo contrário, a sua interpretação em termos de participação pela carne no mundo é tão importante e tão fecunda que vamos reencontrá-la em Maurice Merleau-Ponty, em «*Phénoménologie de la perception*», nos capítulos dedicados, precisamente, ao sentir e à sensação^[13]. Por outro lado, os trabalhos de Emmanuel de Saint Aubert deixaram bem clara a influência seminal, profunda e duradoura exercida por Gabriel Marcel em Merleau-Ponty^[14] cuja leitura dos textos marcelianos está bem documentada^[15]. Não há dúvidas que Gabriel Marcel, afirmando

11 Marcel, G. (1964). *La dignité humaine et ses assises existentielles*. Paris: Aubier-Montaigne, p. 65 (doravante *DH*); *Id* (1940). *Du refus à l'Invocation*. Paris: Gallimard, p. 38 (doravante *RI*).

12 Cf. *JM* pp. 249, 267 e 319

13 M. Merleau-Ponty, vinte anos mais tarde, fará a desconstrução da noção psicofisiológica corrente da sensação em termos coincidentes com a de Marcel Cf. Merleau-Ponty, M. (1997). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, respectivamente: p. 9 a 19 e p. 240 a 280. Esta proximidade já tinha sido assinalado por comentadores de Marcel. Veja-se, por exemplo, Parain-Vial, J. (1966). *Gabriel Marcel et les niveaux de l'expérience*. Paris: Seghers, p. 19.

14 Cf. Saint Aubert, E. de (2005). *Le scénario cartésien: recherches sur la formation et la cohérence de l'intention philosophique de Merleau-Ponty*. Paris: Vrin, pp. 77-99. No mesmo sentido, Cf. Bimbenet, E. (2004). *Nature et Humanité: le problème anthropologique dans l'œuvre de Merleau-Ponty*. Paris, pp. 22-24.

15 Merleau-Ponty é, de facto, leitor de Gabriel Marcel bem antes do seu contacto com a obra de Husserl e Heidegger, de que Marcel terá certamente influenciado a recepção. Terá frequentado, como Ricoeur, Dufrenne ou mesmo Sartre, os encontros que, à sexta-feira, Marcel promovia em sua casa com a escola da intelectualidade francesa. Quando, em 1936, naquele que é o seu segundo texto publicado, apresenta uma revisão de «Être et Avoir», faz ainda referência explícita a «*Journal Métaphysique*» (1927), bem como a «*Position et Approches Concrètes du Mystère Ontologique*» (1933), (Cf. Merleau-Ponty, M (1936). Être et Avoir. *La Vie Intellectuelle*, 8^{ème} année, tome XLV; retomado em (1997). *Parcours: 1935-1951*. Lagrasse: Verdier, pp. 24-44). O conhecimento dos textos de Marcel estende-se ainda, pelo menos, a «*Homo Viator*» (1944), obra citada em «*La Querele de l'Existentialisme*», onde se trata essencialmente da recepção e crítica a «*L'Être et le Néant*» (Cf. Merleau-Ponty, M. (1948). *Sens et non-sens*. Paris: Nagel, pp. 123-143). Numa conferência de 1959 intitulada «*La Philosophie de l'existence*», Merleau-Ponty tem ocasião de sublinhar o carácter inaugural, singular e especialmente marcante da reflexão marceliana na ruptura com a tradição idealista que, sob a figura tutelar de Léon Brunschvicg e apesar do magistério alternativo de Henri Bergson, dominava o panorama filosófico francês dos anos trinta. Merleau-Ponty assinala a importância e o impacto da leitura de «*Journal Métaphysique*» para os pensadores da sua geração, texto fundador onde eclode a atitude fenomenológica e dealba um pensamento existencial resultado da reflexão sobre a sensação, a experiência do “corpo-sujeito” e a abertura relacional ao outro. (Cf. Merleau-Ponty, M. (2001). *Parcours deux: 1951-1961*. Lagrasse: Verdier, pp. 247-66).

a “prioridade e irreducibilidade metafísica do sentir”^[16] e deixando os lineamentos de uma “metafísica sensualista”, inaugura a “reabilitação ontológica do sensível” preconizada por Merleau-Ponty^[17].

Segundo Marcel, “se concentrarmos a nossa atenção sobre o sentir na sua actualidade, quer dizer, sobre o *eu sinto*”, atribuímos-lhe um índice de “intimidade”, de “interioridade essencial” e, simultaneamente, fazemos dele uma “especificação do ser no mundo”. Nas duas acepções, trata-se um “modo de ser”^[18]. É, aliás, a “prioridade metafísica do sentir” que, solidária da crítica da ideia de “corpo-instrumento”, está na raiz da afirmação “eu sou o meu corpo”, e que lança o tema da “encarnação”, pois, afirma Marcel, “apenas sou o meu corpo em virtude das razões misteriosas que fazem com que este corpo seja [...] continuamente sentido, sendo que este sentir condiciona para mim todo e qualquer sentir”^[19]. “Serei eu esse mesmo sentir?”, acaba por interrogar-se o nosso autor. Tudo começa, pois, com um sentir do corpo senciente, com um sentimento de si como corpo senciente, raiz e condição de possibilidade ante-predicativa e pré-objectiva de toda a experiência. Tal está, seguramente, bem para além da cenestesia, na medida em que estamos num plano hiper-orgânico e existencial. Trata-se, com efeito, de um sentir que está na junção da sensação e do sentimento^[20].

Este “sentir”, reconhecido como metafisicamente irreducível e prioritário, escapa, contudo, aos limites de um imanentismo subjectivista, de um qualquer fechamento solipsista, ou acosmismo psicologista, porquanto nos dá, no prolongamento do corpo-próprio, a indubitabilidade e alteridade do mundo e dos outros sujeitos. Numa indissociável conexão de intimidade e intencionalidade^[21], o “sentir” dá-nos um “inesgotável concreto”^[22], imerso e ante-predicativo, que, mais do que uma “obscura imanência”, é o solo fecundo de onde a dinâmica existencial e ontológica se engendra do aquém ao para além da objectividade.

16 RI p. 97.

17 Merleau-Ponty, M. (1969). *Signes*. Paris: Gallimard, p. 210.

18 RI 37-38; Cf. DH p. 67.

19 JM p. 252.

20 JM p. 236; Marcel, G. (1999). *Le Mystère de l'Être: vol. I Réflexion et Mystère*. Paris: Association Présence de Gabriel Marcel, p. 117 (doravante MEI et vol. II *Foi et Réalité*, doravante MEII).

21 Prini, P. (1984). *Gabriel Marcel et la méthodologie de l'invérifiable*. Paris: Economica, p. 30.

22 RI p. 91.

3. Sentimento e ipseidade

Para avançarmos, importará chegar a um dos pontos mais densos – se não mesmo obscuro – da meditação de Marcel no «*Journal Métaphysique*». Nele se introduz a ideia de uma “qualidade não sentida”, condição de exercício de um “sentir fundamental”, de um “*Ur-Gefühl*”^[23] referido a um *Grund* misterioso, fundamento da actividade atencional, senciente e judicativa. Fala-nos de um “isto”, de uma “qualidade fundamental”, consubstancial ao “si”, que jamais se converte em imagem, ideia ou objeto, na zona de uma “experiência-limite”, opaca e incaracterizável^[24].

No encadeamento desta taceante meditação surge, claro está, a pergunta “quem sou?” – e o implícito anúncio da sua comutação em “quem sou?”. Tal sucede no centro de uma discreta dialéctica do “*soi*” e do “*je*”, além de qualquer “doutrina formalista do *moi*”. Marcel leva ao limite o esforço reflexivo para pensar o mistério da ipseidade emergente no seio do sensível-senciente^[25]. Ela é algo da ordem de uma unicidade “quodditativa” do sujeito que reside e consiste, ao mesmo tempo, “numa certa maneira de ser dado a si-mesmo” – enquanto passividade e afecção originárias – e num “modo fundamental de sentir”^[26]. Tudo se passa aquém e para além de qualquer possibilidade de determinação quiditativa. Então, o que sou? Começo por ser uma qualidade senciente não sentida, simultaneamente imediatizável e mediação absoluta, constante, porque sempre em exercício, mas porém mutável, porque sujeita a transformações e enriquecimentos. O “si” funciona no fundo como a “imediatidade absoluta tratada como mediação” onde o “*je*” se exerce activamente numa dinâmica intencional e extática, antes de ser recolhido num “*moi*”^[27].

Tudo está, pois, em visar o mistério radical da ipseidade humana colocando-se “ao mesmo tempo, forçosamente, num ponto de vista ontológico e num

23 JM pp. 240-241.

24 JM pp. 25-26.

25 JM pp. 240-242, 267

26 JM p. 240; p. 267. Mobilizamos ainda a dicotomia do “*quod*” (designando a efectividade e puro *facto de ser*) e do “*quid*” (o *que é*, o plano das qualidades e atributos predicáveis) explorada por Vladimir Jankélévitch na sua metafísica não substancialista, e que a aplica, nomeadamente, à problemática da ipseidade. Tal nos parece legítimo tanto pela pertinência da distinção, como pela sua origem no pensamento de Schelling: a distinção do “*dass*” e do “*was*” (Cf. Jankélévitch, V. (1986). *Philosophie première*. Paris: PUF, pp. 142-154).

27 JM p. 240.

ponto de vista fenomenológico^[28]. Tal sucede pela via da “existencialidade” em emergência e fugindo ao escolho substancialista. Diríamos que se trata de surpreender o surgimento do “je” enquanto “soi”: qualidade senciente inserta no “sensível”, dada e dando-se a si-mesma no contínuo do “sentir”. A “ipseidade” é, precisamente, o que está aquém de toda a predicação possível e para além da série pensável e transfinita dos predicáveis: nos limites da experiência e da inteligibilidade. O “isto”, a “qualidade fundamental” do “si”, é um espécie de “predicado inspecificável”^[29]. Este oxímoro indica-nos que é encaracterizável sem ser, todavia, indeterminado, pois a sua “unicidade” é uma evidência. É neste “isto” que assenta(rá) a “unidade fenomenal da pessoa” com a sua dinâmica intencional e extática^[30]. O que aqui se visa não é nem um sujeito-substância reificável – o *hypokeimenon* da tradição – nem um predicado superlativo.

Assim, ao longo das notas do «*Journal Métaphysique*», encontramos a ideia de um sentimento fundamental de si incarnado, que constitui um núcleo de intimidade, um “modo de ser dado a si-mesmo”^[31] – quer dizer, um princípio de unidade ôntica e fenomenal do sujeito, aquém da dispersão dos estados afectivos e da defluência do sentir. Marcel chega a falar-nos de “um *a priori* individual da sensibilidade pura”^[32]. Correlativamente, discernimos uma dinâmica intencional e extática, uma abertura activa ao mundo na sua imediatidade e inesgotável concretude.

A ideia de uma imersão sensualista num *Grund* misterioso e fecundo – que Marcel designará mais tarde como um “envasamento” (*soubassement*) de carácter “hipo-problématico” e “plermoático”^[33], permite vislumbrar o fundo originário, anónimo e ontogenético do “Sensível” como o concebeu o último Merleau-Ponty. Por outro lado, a ideia de uma “qualidade não sentida” pode evocar sem dúvida a noção de “auto-afecção originária”, simultaneamente essência da ipseidade e condição de possibilidade do sentir, presente na fenomenologia da afectividade de Michel Henry. As intuições podem parecer convergir mas, como é evidente, Marcel, já orientado para a questão “quem sou?”, para a abertura dialógica e a intencionalidade da participação, não se enclausura numa afectividade egológica auto-fundada e imanentista, como Henry,

28 JM p. 249.

29 JM p. 267.

30 JM p. 320; p. 249.

31 Cf. JM p. 267, 249.

32 JM p. 240.

33 Cf. Marcel, G. (1968). *Pour une sagesse tragique et son au-delà*. [Paris]: Plon, pp. 82-86 (doravante. PST).

nem dissolve a encarnação da pessoa numa “Carne” anónima e universal, como Merleau-Ponty. A inclinação personalista ditará outros desenvolvimentos.

4. Sentimento e existencialidade: um elo “antropo-cósmico”

Corolário das análises do “sentir” e do “corpo-sujeito” será a elaboração da “teoria da existência”. A “existência” é, para Marcel, “indubitável” e “primeira”. Numa “garantia maciça”, dá-se o “eu existo”, unidade infra-discursiva, indecomponível e irredutível à subjectividade pura e, com ele, a presença confusa e global, mas indubitável, do mundo enquanto existente no prolongamento do meu corpo^[34].

Marcel admite que a “garantia existencial”, quer dizer, “a garantia fundamental” que incide sobre a indubitabilidade da existência, seja “da ordem do sentimento”, sendo claro que “este *sentimento* não pode intelectualizar-se, converter-se em juízo, sem mudar não somente a sua natureza, mas também sem perder talvez todo o seu significado”^[35].

Toda a existência sendo dada no “prolongamento do meu corpo”, e sendo o sentir “o modo segundo o qual a continuidade do que quer que seja com o meu corpo pode ser dada”^[36], Marcel será conduzido a assumir o que aventurosamente designa por uma “metafísica sensualista”^[37]. Os limites e orientação deste “sensualismo” são, todavia, claramente submetidos à progressiva constituição de um “realismo existencial”^[38] que, na proximidade com Louis Lavelle e Maurice Blondel, afirmar-se-á como um “realismo do espírito”^[39]. Este “sensualismo” mitigado reconhece “*l’apport créateur*” do sentir mas recusa a sua interpretação materialista e rejeita a tentação imanentista de Etienne Condillac, jamais convertendo ou reduzindo o *esse* ao *percipi*^[40]. É o que Jean Wahl chamará de “empirismo místico”^[41]. Consiste em recusar o “intelectualismo”

34 JM p. 313.

35 JM pp. 313-314.

36 JM p. 261.

37 JM p. 325.

38 DH p. 70.

39 ME II p. 157.

40 Cf. Prini, P. - oc. p. 27.

41 Wahl, J. (1932). Le Journal Métaphysique de Gabriel Marcel. In *Vers le concret: études d’histoire de la philosophie contemporaine*. Paris: Vrin, p. 226.

em prol de vivências “transcategoriais”, admitir o valor fundador dum “imediatamente não mediatizável” a-dialéctico, e visar o “incharacterizável” e o “inverificável” como esferas legítimas da meditação metafísica situadas nos limites da auto-consciência lógica, tentando assim esclarecer o laço original que nos liga ao mundo^[42]. Mas esta “mística experimental”^[43] é também uma “mística especulativa”, pois inicia e prepara, simultaneamente, o acesso a um novo modelo de inteligibilidade, o da “reflexão segunda”, que reconhece o “mistério”, evitando ao mesmo tempo o escolho do irracionalismo ou do hermetismo.

É a partir desta trama simultaneamente fenomenológica e reflexiva que Marcel fará da encarnação o “marco central da reflexão metafísica”. Da condição encarnada e senciente somos conduzidos à afirmação da “não contingência do dado empírico” que constitui a “situação fundamental” do homem como “ser no mundo”^[44]. Sobre estas premissas se desenvolverão os temas do “ser em situação” e da “participação existencial” que designaremos como o modo de pertença, inserção e actividade do homem na sua “situação fundamental”, a sua “presença ao mundo”.

A este nível, o sentir precisa-se como um modo de “recepção activa”, feita de disponibilidade e acolhimento. É um *acto* de imersão participativa que não pode ser reconduzido à mera passividade da “afecção”^[45]. O “sentir” é abertura do homem concreto a um mundo que o “informa” e com o qual estabelece uma “troca criadora”, passível de ser interpretada em termos dialógicos ou personalistas, mas ainda em termos cosmológicos^[46]. De facto, há um “nascimento para o real”, “uma conexão antro-po-cósmica”, um vínculo cosmológico, aquém e “para lá da oposição do sujeito e do objecto”^[47] fundada e celebrada no “sentir”.

Se a inserção no mundo é antes de mais corpórea, se é o “corpo sentido e senciente” o ponto fundamental dessa inserção na “órbita existencial”, vemos que, antes de mais, estabelece-se uma íntima solidariedade entre o ser encarnado e o cosmos, uma comunhão pela carne com o próprio universo que o acolhe num “pacto nupcial”, ou mais ainda, que o limite interno da participação pelo “sentir” remete para um *Grund* em que homem e natureza se fundem^[48].

42 Cf. *JM*. p. 328.

43 Na expressão de Louis Lavelle (Cf. Lavelle, L. (1936). *Un Journal Métaphysique*. In *Le moi et son destin*. Paris: Aubier-Montaigne, pp. 55-56).

44 Cf. *RI* p. 43; p. 33.

45 Cf. *RI* p. 38; *PST* p. 274.

46 *RI* p. 123.

47 *RI* p. 123.

48 *RI* p. 116.

No seu ressoar sinestésico e metafísico, o “sentir” reveste-se, pois, de um alcance cosmológico^[49] e antropológico, sendo inerente à constituição e dinâmica da “situação fundamental” onde se dá a “fusão do interior e do exterior” e onde as dissensões da actividade e da passividade, da contingência e da necessidade, da pertença e da liberdade são superadas^[50].

A ideia de “situação” designa uma trama simultaneamente circunstancial, fundamental e limite, reconhecida na sua “função propriamente constitutiva” da subjectividade encarnada. Não é um conjunto de factos brutos inertes, pelo contrário, ela reúne elementos que intervêm e organizam-se “face a uma actividade livre para a qual constituem um conjunto de estímulos ou obstáculos”^[51]. Assim, a “existencialidade”, pensada como “ser no mundo”, supera a alternativa dilacerante da liberdade e do determinismo, no plano de uma “dialéctica da participação”. A partir daqui, por outro lado, toda uma reflexão sobre a experiência artística, bem como uma reavaliação da noção de verdade são possíveis.

5. Sentir e criar: a experiência artística

A experiência artística, modalidade privilegiada de participação, permite evidenciar a profundidade e o alcance do sentir. Tensa entre a sensação e o sentimento, ela assegura a “presença” híper-objectiva, irreificável, inconceptualizável do “eu” ao mundo e do mundo ao “eu”, feita de contemplação e criação.

Marcel afirma que “não existe diferença de natureza, mas somente de potência, entre a aptidão para sentir e a aptidão para criar”: sentir é dar-se, derramar-se, exercitar-se no mundo entre o ser e o ter, o aberto e o fechado (em sentido bergsoniano)^[52]. A “contemplação” junta o momento centrífugo do “maravilhamento” e da “recepção activa” ao movimento centrípeto do “recolhimento” enquanto introversão da atitude extática. A este nível, deveria analisar-se toda a estética marceliana e a “metafísica da criação” presente ao longo da sua obra filosófica e crítica^[53]. Poderíamos observar, tanto no plano dramático quanto

49 Neste ponto estabelece-se um diálogo com Minkowski, E. (1936). *Vers une cosmologie: fragments philosophiques*. Paris: Aubier, p. 102, em *RI* p. 116.

50 *RI* pp.112-123 ; *MEI* p. 117.

51 *MEI* p. 150.

52 *RI* pp. 123-124, *RI* p. 43, *MEI* p. 151.

53 Importa recordar que Marcel desenvolveu, durante mais de 30 anos, uma significativa obra de crítica dramática e musical.

musical, que ela se desenvolve ao mesmo tempo contra o objectivismo da representação, o intelectualismo de tendência formalista e o emocionalismo de obediência expressionista, numa dinâmica na qual o sentimento e a inteligência convergem numa aliança estreita. A arte pode, de tal modo, constituir um autêntico “testemunho ontológico” para um “pensamento experiencial” de inserção existencial e vocação metafísica: “é próprio do drama como da música realizar, para além do conhecimento discursivo, uma consciência superior na qual o nosso ser é introduzido na sua integralidade, e que transcende as enunciações abstractas de que a inteligência pura é forçada a contentar-se”.^[54]

Realçar o alcance ontológico do sentimento passa por reabilitá-lo junto dos demais níveis superiores de consciência. O alargamento da noção de experiência, a reavaliação da ideia de verdade, e a assunção da “reflexão segunda” como método recuperador e restaurador da integridade do vivido, conferem um lugar privilegiado ao sentimento na “epistemologia personalista” de Marcel^[55]. Tudo está em superar a oposição entre o mundo dos factos objectivos e a esfera dos estados subjectivos, no horizonte de um “universal concreto”. Nem o racionalismo dogmático ou o empirismo relativista, nem o subjectivismo transcendental ou o objectivismo cientista satisfazem o nosso autor, que parte do plano da unidade homem-mundo, infra-objectiva e preexistente às condições da “verificabilidade”, e rumo a um plano meta-categorial e misterioso. Num estreito diálogo com Martin Heidegger, é o modelo de “adequação” e da “representação” que é subvertido bem como a “relação entre o juízo e verdade” a ele associado^[56]. Marcel pensa a verdade de um modo mais originário, a partir do modelo da “apresentação” e da “revelação”. Assim, torna-se igualmente evidente que a arte participa do “meio inteligível” do “espírito de verdade” e, com ela, o sentir-sensação-sentimento inerente(s) ao acto de criar-contemplar. As “categorias” marcelianas surgem e entrelaçam-se em movimentos contrapontísticos: participação, disponibilidade, presença, criação, revelação, etc., reagrupando-se em torno da questão da arte de modo singularmente instrutivo. Todavia, o que a experiência estética permite descobrir, de modo exemplar, é extensível, em graus diversos, à generalidade da experiência humana

54 Marcel, G. (2001). *Présence et immortalité*. Paris: Présence de Gabriel Marcel, p. 14 (doravante *PI*).

55 A expressão é utilizada por Jeanne Delhomme e Paul Ricœur: Delhomme, J. (1947). *Témoignage et dialectique*. In *Existentialisme chrétien: Gabriel Marcel*. Paris: Plon p. 139; Ricœur, P. (1948). *Gabriel Marcel et Karl Jaspers: philosophie du mystère et philosophie du paradoxe*. Paris: Temps Présent, p. 49.

56 É evocando o opusculo de Heidegger, Martin (1948). *L'essence de la vérité*. Louvain / Paris: Nauwelaerts; Vrin, que Marcel entra no debate sobre a questão da verdade: Cf. *ME I* p. 83.

Há uma ordem da realidade que, resultante da co-presença do real e do sujeito, não releva nem da facticidade objectiva nem da subjectividade entendida num sentido privativo e relativista^[57]. A arte e a experiência estética ilustram este nível intermédio entre o subjectivo e o objectivo, o íntimo e o exterior, o particular e o universal, o ontológico e o psicológico. O sentimento, no seu alcance “ontológico” é precisamente aquele que, antes de mais, se insere nesse ponto médio da realidade e que se reivindica de uma universalidade distinta da abstracção lógico-formal anónima – um “universal concreto”.

Para uma (in)conclusão

Vimos como o “mistério do sentir”, situado na convergência da sensação e do sentimento, é o ponto de ancoragem de toda a problemática da subjectividade encarnada e da existencialidade situada. Procurámos tratar a dimensão e o alcance “cosmológico-existencial” desta questão onde se reflecte a pertença originária ao mundo sensível.

Ficou de fora da presente análise a esfera “ontológico-personalista” deste questionamento – onde emerge o sentimento como experiência privilegiada do “ser-pessoa”. Neste plano, dever-se-ia abordar a “dialógica” marceliana: a relação “eu-tu” rumo ao “nós” da comunhão ontológica. A “ontologia concreta” nutre-se de uma dinâmica hiper-fenomenológica e consiste numa metafísica da intersubjectividade que enfrenta a dissolução do tempo e da morte seguindo o mote: *esse est coesse*. O amor e a esperança, tecidos de “fidelidade criadora” e situados na convergência da afectividade, do pensamento e da vontade, são então experienciados como sentimentos ontológicos. Tal seria a nossa proposta reflexiva para um próximo encontro.

57 Cf. *PI* pp. 18-19.